



Secretaria de Estado da Educação – SEED
Superintendência da Educação - SUED
Diretoria de Políticas e Programas Educacionais – DPPE
Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE



ROSÂNGELA MIRANDA DA SILVA

VALORIZANDO AS VARIANTES REGIONAIS: DITOS POPULARES

**RESERVA – PR
2008**

VALORIZANDO AS VARIANTES REGIONAIS: DITOS POPULARES¹

Rosângela Miranda da Silva²

Mirian Martins Sozim³

RESUMO

A língua é um processo social, por isso está sujeita a transformações, pois cada comunidade apreende o universo a seu modo. O ideal na linguagem seria que cada palavra tivesse apenas um sentido, mas como isso não acontece, as palavras se transformam, adquirem novos significados. O objetivo principal deste artigo é descrever toda a trajetória de estudo e pesquisa realizada durante o PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, nos anos de 2007 e 2008, num trabalho que procurou promover o diálogo entre os diferentes falares, resultando numa pesquisa de expressões típicas usadas no município de Reserva e elaboração de um glossário contendo os termos pesquisados. Todas as atividades desenvolvidas fortalecem nos alunos e em sua comunidade os seus valores, sua história, sua diversidade cultural, conduzindo ao respeito e valorização às diferentes formas de comunicação, contra toda forma de exclusão social pela linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade lingüística. Variante regional. Gírias.

ABSTRACT

Language is a social process and therefore it is subject to changes because every community assimilates the universe in its own way. The ideal in language would be that each word had just one meaning, but since it does not happen, the words change themselves acquire new meanings. The main objective of this article is to describe all the studies and researches made during the PDE (Educational Development Program), in the period between 2007 and 2008 in a work that promotes the dialogue among the different sayings, resulting in a research of typical expressions used in the town of Reserva and in the elaboration of a glossary with all the researched terms. All developed activities enhance on students and on their community their values, their story and their cultural diversity leading to respect and valorization of different kinds of communication, against all forms of social exclusion through language.

¹ Artigo Final - Programa de Desenvolvimento Educacional - Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

² Professora pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), atualmente participando do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2007/2008.

³ Professora Orientadora – Doutora em Sociolingüística pela UNESP (Universidade Estadual Paulista), docente na UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa).

Key words: Linguistic diversity. Regional differences. Slangs.

Introdução

“Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!”
Cecília Meireles⁴

O presente artigo justifica-se em cumprimento às exigências do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, em sua etapa conclusiva e pretende apresentar, de forma sintética, todas as atividades desenvolvidas ao longo do curso.

Nessa perspectiva de ação do Programa, abriu-se um espaço importante para estudo e valorização da cultura regional, preservando nossa diversidade lingüística como forma de identidade cultural.

Graças ao tamanho do nosso país e à variedade de etnias existentes, a língua nunca é usada de modo homogêneo por seus falantes. Todos os povos que aqui se estabeleceram, trouxeram sua cultura, seus costumes, sua língua, contribuindo para a grande diversidade lingüística.

A língua é a expressão viva da cultura humana, e sendo um processo social, está sujeita a transformações. Cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas do grupo, como ele se constituiu, como é seu trabalho, como ele está socialmente organizado. Na sociedade brasileira, por exemplo, um grupo de jovens de São Paulo tem uma história e uma experiência muito diferentes daquelas vividas por um grupo de jovens de uma cidadezinha do interior do Paraná. Assim também, um grupo de agricultores tem histórias e experiências muito diversas de um

⁴ http://www.vidaslusofonas.pt/cecilia_meireles.htm.

grupo de empresários de uma grande cidade. Essa diferenciação vai resultar em “falares” diferentes. Segundo Soares (1986):

Cada dialeto e cada registro é adequado às necessidades e características do grupo a que pertence o falante, ou à situação em que a fala ocorre: todos eles são, pois, igualmente válidos como instrumento de comunicação; também não há nenhuma evidência lingüística que permita afirmar que um dialeto é mais “expressivo”, mais “correto”, mais “lógico” que qualquer outro: todos eles são sistemas lingüísticos igualmente complexos, lógicos, estruturados. (SOARES, 1986, p.40)

Isso quer dizer que qualquer sociedade vai ter suas variações lingüísticas de grupo social para grupo social, de época para época, de região para região, de situação para situação. Além dessas, existem outras formas de variação, como, por exemplo, o modo de falar de grupos profissionais, a linguagem usada na internet, celulares e a gíria, que é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por determinados grupos sociais com o objetivo de servir de emblema para os seus membros, distinguindo-os dos demais falantes.

Tradicionalmente, a escola tem agido como se todos falassem da mesma forma e como se a escrita fosse a língua. A oralidade não é muito valorizada, o que inibe o aluno, às vezes, de falar fazendo uso da variedade de linguagem empregada em suas relações sociais. Conforme as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica do Estado do Paraná (2006), “devemos lembrar que a criança, quando chega à escola, já domina a oralidade, pois cresce ouvindo e falando a língua. [...] O espaço escolar, então, deve propiciar e promover atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente, capaz de compreender os diferentes discursos e de organizar os seus de forma clara, coesa e coerente.” (SEED/PR, 2006, p.24)

Então, o que fazer para que a escola garanta a socialização do conhecimento, acolhendo e respeitando os alunos independentemente de sua origem quanto à variação lingüística? Como desenvolver um trabalho que permita ao professor reconhecer a língua em diferentes situações de uso, adequando-a conforme o contexto e interlocutor? De que forma possibilitar aos alunos, de classes sociais menos favorecidas, o acesso à cultura letrada para que tenham a chance de lutar pela cidadania?

O objetivo central desse trabalho foi refletir sobre todas essas questões, numa ação comprometida com a transformação social. O estudo teve como base teórica

autores como **Dino Preti**, que apresenta uma visão moderna de certos assuntos ligados ao binômio língua/sociedade, pouco tratados na bibliografia especializada em língua portuguesa. Outro autor estudado foi **Fernando Tarallo**, pesquisador de sociolingüística e que discute tópicos gerais da teoria da variação e da mudança lingüística, apresentando passos metodológicos a serem trilhados pelo pesquisador. Já **Magda Soares** aponta a importância da compreensão das relações entre linguagem, escola e sociedade para a fundamentação de uma prática de ensino da língua materna realmente comprometida com a transformação social. Um outro nome importante é **Marcos Bagno**, professor de Lingüística, que faz em seu livro um estudo das relações entre língua e poder na sociedade brasileira, estabelecendo que o preconceito lingüístico é, na verdade, um profundo preconceito social. A educadora **Stella Maris Bortoni-Ricardo**, um dos nomes mais importantes da Lingüística no Brasil, traz em sua obra fundamentos teóricos e aplicações práticas para a sala de aula, criando oportunidades de reflexão sobre o português brasileiro e sobre o trabalho do professor com a língua materna.

O estudo todo também teve como base as **Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Estado do Paraná**, um documento que visa orientar o trabalho dos professores e garantir a apropriação do conhecimento pelos estudantes da rede pública, através de fundamentos teórico-metodológicos, conteúdos estruturantes de cada disciplina, encaminhamentos metodológicos e avaliação.

É função da escola trabalhar com as situações de variações lingüísticas, refletindo sobre as práticas pedagógicas ao que se refere ao multiculturalismo, numa tentativa de diminuir a exclusão social, principalmente no âmbito escolar, que é, por regra, um ambiente bastante rico em diferenças.

I – PDE, uma proposta inovadora

O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE é resultado da parceria entre a Secretaria de Estado do Paraná com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e as universidades públicas do Paraná. O programa ofereceu 1200 vagas em 2007, proporcionando progressões na carreira do professor e melhoria na qualidade da educação das escolas públicas do Estado.

Sob a orientação do Professor Orientador das Instituições de Ensino Superior, foi elaborado um Plano de Trabalho do Professor PDE, no qual foram registradas todas as atividades realizadas ao longo dos dois anos do Programa, tais como: estudos orientados, orientação ao Grupo de Trabalho em Rede no Ambiente Virtual de Aprendizagem da Secretaria de Estado da Educação, elaboração de um material didático, implementação da proposta de estudo na escola, encontros de orientação, encontros de áreas específicas do PDE, Seminários Temáticos, entre outras ações.

Para acompanhamento e orientação a todos os participantes do Programa, foram informadas no SACIR (Sistema de Acompanhamento e Integração da Rede) todas as atividades desenvolvidas, tanto no âmbito das IES quanto da SEED.

Num modelo que proporciona a articulação entre o professor da educação básica e o professor universitário, o Programa é uma grande arma para mudanças nos agentes da educação, pois proporciona aos professores da rede pública estadual subsídios teórico-práticos para suas ações, o aperfeiçoamento disciplinar e pedagógico, produzido na relação entre seus estudos e a prática escolar.

Como bem disse o governador Roberto Requião: “Uma sociedade que não lê, que não discute, que não debate, que não questiona, que não pesquisa, produz escolas que não se inquietam, que não protestam, que não reagem. Queremos escolas vivas, criativas, agitadas. Queremos professores que mobilizem as salas de aula, que abram horizontes, que descortinem a vida e as maravilhas do conhecimento.”⁵

II – OAC, aprendendo e ensinando

No segundo período do Programa, o núcleo central das atividades do professor PDE foi a elaboração de um material didático, com o devido acompanhamento do Orientador e a participação colaborativa dos alunos dos Grupos de Trabalho em Rede.

⁵ Discurso do Governador Roberto Requião durante a Aula Inaugural do Programa de Desenvolvimento Educacional, publicado no Jornal Educação dia-a-dia melhor, nº 48, ano V, abril, 2007, p.7.

O OAC, intitulado “**Variações Lingüísticas**”, se apresenta com o poema “Romance LII ou das Palavras Aéreas”, da poetisa Cecília Meireles, cujo texto leva a uma reflexão sobre as transformações inevitáveis das palavras, que adquirem novos significados, dependendo das experiências históricas dos grupos.

No item **Investigação Disciplinar**, espera-se que o ensino de língua materna permita ao aluno o conhecimento e apropriação da variedade padrão, mas que também promova o diálogo entre os diferentes falares. Segundo Bagno (2006), “uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante lingüística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção lingüística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa” (BAGNO, 2006, p.150).

Ao realizar um estudo sociolingüístico é importante termos em mente os fatores históricos, políticos e econômicos que conferem o prestígio a certas variedades lingüísticas. Mediante isto, propõe-se no OAC um trabalho interdisciplinar envolvendo Geografia, História e também Literatura, pois ao se falar de variantes regionais, o professor deve ter a preocupação em mostrar a região em questão, visto que toda variedade regional é um instrumento que confere identidade a um grupo social. Para relacionar o ensino de língua materna às disciplinas de História e Literatura é importante a análise, leitura de vários gêneros textuais de autores de diferentes épocas para que se compare o uso da linguagem com outros tempos, percebendo suas transformações num determinado período histórico.

Para sugerir os **Sítios**, houve uma preocupação em atender ao professor interessado sobre as discussões relacionadas ao ensino da língua materna. O primeiro, intitulado “Marcos Bagno”⁶, é um portal importante para quem quer conhecer o trabalho do escritor lingüista, professor da Universidade de Brasília e autor de mais de trinta livros. No sítio são encontrados textos e artigos escritos por ele, comentários de seus livros, sugestões de leitura e vários links relacionados à diversidade lingüística, preconceito lingüístico e pluralidade cultural. Outro sítio importante é o “Museu da Língua Portuguesa”⁷, que além de nos dar a oportunidade de fazer uma visita virtual ao Museu, ainda traz informações sobre Língua e Literatura, Língua Falada, Língua Escrita, Bibliografias, disponibilizando amostras

⁶Fonte: <http://www.marcosbagno.com.br>

⁷ Fonte: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br>

dos nove séculos de Língua Portuguesa e vários links relacionados ao assunto. O sítio “Linguagem – Cultura e Transformação”⁸ traz várias reportagens de diversos autores sobre linguagem, línguas crioulas, poemas, entre outros assuntos relacionados. Como última sugestão, aparece o sítio “Alô Escola. Recursos Educativos para estudantes e professores”⁹, um programa que aborda várias questões relacionadas ao preconceito lingüístico, mostrando as dificuldades do uso da língua no cotidiano, com exemplos de uso das variantes lingüísticas empregadas em situações informais.

Já no item **Sons e Vídeos** foi sugerida a música “Ninguém = Ninguém”, interpretada pelos Engenheiros do Hawaii, cuja letra retrata a riqueza da diversidade cultural de um país constituído por vários grupos étnicos, com histórias, culturas, línguas próprias e indivíduos que vão adquirindo sua identidade e sua maneira particular de ver e sentir o mundo. Na categoria **Vídeos**, a primeira sugestão foi o filme “Tapete Vermelho”, dirigido por Luiz Alberto Pereira. O filme resgata, de uma forma muito bem humorada e sensível, a cultura popular, valorizando o cinema, a música e a dança regional, o folclore, a linguagem do caipira. Numa aventura pelas cidades do interior paulista nos deparamos com muitas peculiaridades regionais, como benzimentos, tradições e ditos populares, crendices, moda de viola, simpatias, danças folclóricas, enfim, com uma enorme diversidade cultural e lingüística. A segunda sugestão, o filme “Narradores de Javé”, dirigido por Eliane Caffé, é um material muito rico para se trabalhar com a diversidade lingüística, já que no cenário de “contadores de causos”, não faltam interessantíssimas expressões populares. A verdade popular, que está na boca do povo, é o elemento-chave do filme.

A **Imagem**¹⁰, extraída do Banco de Imagens do Portal Dia-a-dia Educação, mostra uma foto de dois peões a cavalo trafegando numa rua asfaltada ao lado de veículos modernos, evidenciando os fortes contrastes existentes na nossa sociedade causados por diferenças culturais e até socioeconômicas. Num país tão grande como o nosso, com tantas paisagens geográficas e pessoas tão distintas, é necessário que haja um reconhecimento adequado do multiculturalismo existente aqui.

⁸Fonte: <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling08.htm>

⁹Fonte: <http://tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/varianteslinguisticas/regionalismos-sarto.htm>

¹⁰Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/bancoimagem/frm_buscarImagens3.php

Na **Proposta de Atividades** foram sugeridas quatro atividades práticas que permitem ao professor reconhecer os fenômenos lingüísticos que ocorrem no ambiente escolar e identificar o perfil sociolingüístico de seus alunos para, junto com eles, construir uma educação que leve em conta os conhecimentos prévios de cada um. Na primeira, uma dramatização em grupo, a sugestão foi de uma montagem pelos alunos de uma pequena peça teatral sobre um tema previamente trabalhado, em que ficassem bem claras as diferenças de linguagem observadas no interior da família e relacionadas aos papéis sociais de cada indivíduo. A segunda atividade, usando o método de entrevista, pesquisa e leitura de textos previamente escolhidos pelo professor, sugeriu que se formassem equipes de alunos para entrevistarem pelo menos cinco pessoas vindas de outros estados e uma da própria cidade pedindo a elas que fornecessem uma lista de expressões típicas de suas regiões. As equipes devem complementar sua entrevista fazendo uma pesquisa sobre a cultura representativa das regiões em questão e montar um painel com fotos, as expressões coletadas na entrevista, mapas, gravuras, artesanatos, postais e o que mais for encontrado para apresentação e troca de experiências sobre as diversas regiões. A terceira atividade teve como objetivo principal despertar nos alunos a consciência da diversidade lingüística usando as histórias em quadrinhos como principal recurso. Feito um levantamento dos aspectos visuais e textuais, inicia-se uma discussão para saber a origem do personagem e adequação ou inadequação da linguagem utilizada nos diálogos. No final da discussão, o professor pode propor ao aluno que escreva um texto, que pode ser um bilhete, uma carta, um e-mail, mas que tenha claro o seu interlocutor, direcionado pelo professor. Na quarta atividade foi sugerida uma pesquisa de expressões típicas de cada região, envolvendo toda a comunidade escolar. Depois de um levantamento, inicia-se a elaboração de um glossário contendo todas as expressões com seus possíveis significados. O material deve ser divulgado, ficando à disposição da comunidade para qualquer consulta. O objetivo da proposta é fazer com que o aluno consiga entender e respeitar as diferenças, valorizando a espontaneidade da língua como forma de expressão natural e transmissão da cultura local.

Para que o professor possa compreender as relações entre linguagem, escola e sociedade, no item **Sugestões de Leitura**, aparece o livro “A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira”, de Marcos Bagno, que aprofunda o estudo das relações entre língua e poder no Brasil e estabelece que o preconceito lingüístico na

sociedade brasileira nada mais é que um profundo preconceito social. Em sua obra, o autor revela o jogo ideológico existente por trás da defesa do uso das regras lingüísticas padronizadas que disfarçam uma discriminação que é, em tudo, social. Outra sugestão de leitura, a obra “Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula”, de Stella Maris Bortoni-Ricardo, cria várias oportunidades para que os professores reflitam sobre o trabalho com a língua materna na escola, apresentando fundamentos teóricos e aplicações práticas que promovem o uso das variações lingüísticas em sala de aula. Por último, o livro “Linguagem e Escola – Uma perspectiva social”, de Magda Soares, explica o fracasso escolar na aprendizagem da língua materna quando faz uma análise das relações entre linguagem, escola e sociedade. O texto contribui para essa compreensão e discute o problema sob uma perspectiva social das teorias da Sociolingüística e da Sociologia da Linguagem.

O OAC traz como **Destaque** a “Revista Patrimônio – Revista eletrônica do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)”¹¹, que além de divulgar o patrimônio artístico e cultural brasileiro, faz uma reflexão e debate sobre a importância da história e da memória para a identidade nacional. Outro destaque é uma sugestão de pesquisa realizada pela autora do presente artigo, intitulada “Expressões populares da cidade de Reserva – Paraná”, uma dica importante de um trabalho realizado com o envolvimento de toda a comunidade escolar de forma prazerosa e ao mesmo tempo mostrando que a linguagem popular pode ser tratada de maneira menos preconceituosa e entendida como um instrumento de comunicação e transmissão da cultura local.

Em **Notícias**, o texto “Carta ao Professor: A língua sem erros”¹², de Marcos Bagno, faz uma reflexão sobre a existência das mais diferentes formas de comunicação do indivíduo e ressalta a urgência em existir na escola o reconhecimento de todas essas diversidades como formas válidas de expressão. Já o texto “Quantas línguas são faladas no Brasil?”¹³, do autor Ivy Farias, faz um relato sobre todos os idiomas falados pelas comunidades indígenas existentes no Brasil.

Enfim, são inúmeras as possibilidades que existem para a realização de um trabalho eficiente em relação ao ensino de língua materna. Cabe a nós, professores,

¹¹ Fonte: <http://www.revista.iphan.gov.br>

¹² BAGNO, Marcos. A língua sem erros. *Carta na escola*. São Paulo, junho/julho, 2007. p. 66.

¹³ FARIAS, Ivy. Quantas línguas são faladas no Brasil? *Superinteressante*. São Paulo, agosto, 2007. p. 42-43.

a tarefa da pesquisa, do estudo para podermos proporcionar aos alunos o uso, com segurança, dos recursos comunicativos necessários para um bom desempenho nos contextos sociais.

III – Plano de Implementação na Escola

A vinda da língua portuguesa para o Brasil não se deu em um só momento. Aconteceu durante todo o período de colonização, entrando em relação constante com outras línguas. Com o tempo, o português, como qualquer língua viva do mundo, foi sofrendo alterações e estas variações foram se instalando em lugares diferentes do Brasil, com características próprias, devido às novas condições em que passaram a funcionar, como reforça Bagno (2006):

A mudança lingüística é inevitável como a própria mudança de tudo o que existe no universo. Como já dizia o filósofo grego Heráclito, quinhentos anos antes de Cristo, “*panta rhei*”¹⁴ – tudo flui, tudo muda, e a língua não tem como (nem por quê) escapar dessa inevitabilidade. Gostando ou não, tudo o que se pode fazer é reconhecer esse caráter inevitável da mudança lingüística. (BAGNO, 2006, p.128)

Levando em conta a língua escrita, existe uma maior proximidade entre o português do Brasil com o português de Portugal, já que está mais sujeita a uma normatização. Mas ao se falar da língua oral o processo de incorporação de características específicas se faz de modo muito rápido. A cada situação de fala em que o indivíduo participa e está inserido, nota-se que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. Do ponto de vista sociolingüístico essas variedades não são consideradas “superiores” ou “inferiores”, “melhores” ou “piores”.

A língua e o comportamento lingüístico estão estreitamente ligados à cultura de seus falantes e são adequados às necessidades e características do grupo a que pertence o falante, ou à situação em que a fala ocorre.

Soares (1986) ressalta que, embora um grupo de pessoas utilize a mesma língua, a diferenciação geográfica e social resultará em um correspondente processo

¹⁴ Expressão muito usada pelo filósofo grego Heráclito que costumava dizer que “tudo flui” (“*panta rhei*”), tudo está envolto por um constante devir. Nada é, mas tudo está vindo a ser. As coisas não cessam de acontecer... <http://www.catequisar.com.br/txt/colunas/adriano/04.htm>

de diferenciação lingüística, que pode acontecer nos níveis fonológico, léxico e gramatical.

O afastamento no espaço geográfico leva a variedades regionais. Essas marcas lingüísticas participam ativamente dos processos de construção de nossa identidade. O modo como se fala a língua aproxima os conterrâneos e, ao mesmo tempo, diferencia as pessoas de outras regiões.

Com a diferenciação social, em função das características do grupo a que pertence o falante, ou das circunstâncias em que se dá a comunicação, ocorrem as variedades sociais, causadas pelas diferenças de idade, sexo, raça, classe social, escolaridade, profissão, entre outras.

Conforme a situação em que está inserido, o falante pode usar a linguagem mais formal (mais cuidada, mais tensa, mais policiada, usada em situações de formalidade) ou informal (mais distensa, menos policiada, usada em situações de informalidade). A variedade mais cuidada do português geralmente se aproxima da chamada variedade padrão, que recebe várias denominações, como língua padrão, norma padrão, norma culta. Quando ligada à escrita, tenderá a mudar menos, pois a linguagem torna-se mais reflexiva, mais bem organizada, pressupondo um rascunho, uma reelaboração.

No entanto, a variedade padrão não pode se transformar num instrumento de autoritarismo e discriminação social. Soares (1986) afirma que avaliações em termos de “certo” ou “errado”, “melhor” ou “pior”, em relação a usos da língua, refletem preconceitos que estigmatizam o uso que dela fazem os grupos de baixo prestígio social. Falantes de um dialeto não-padrão são considerados lingüisticamente deficientes e, conseqüentemente, também cognitivamente deficientes. A língua padrão é, portanto, uma construção cultural em que se privilegia certos modos de dizer como sendo mais adequados em certas situações de fala e escrita.

Tarallo (1986) explica:

“Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolingüístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.” (TARALLO, 1986, p.12)

Se existe na escola a valorização apenas da chamada norma padrão da linguagem, em detrimento das outras formas de falar e escrever, certamente haverá um prejuízo na aprendizagem reforçado pela distância e a hierarquia entre educadores e alunos.

O uso da linguagem tem sido muito marcado por preconceito, e o que é mais grave ainda, o preconceito lingüístico é muito mais camuflado do que as outras formas de intolerância. As variantes utilizadas por falantes das classes sociais pouco favorecidas ou da zona rural são excluídas da escola; variantes regionais sem prestígio, como a caipira ou a nordestina, são segregadas, não devem ser misturadas, como afirma Bagno (2006):

A estigmatização se torna um problema social ainda mais grave quando o rótulo de “erro” passa a ser automaticamente aplicado a todas as demais características físicas e psicológicas bem como a todos os outros comportamentos sociais do falante que se serve da forma lingüística desprestigiada. De fato, o suposto erro lingüístico parece desencadear uma série de avaliações negativas lançadas sobre o indivíduo, numa cadeia de causas e conseqüências que, por ser essencialmente ideológica, só pode ser falsa: alguém *fala* errado porque *pensa* errado, porque *age* errado, porque é errado... (BAGNO, 2006, p.149)

Conforme as Leis de Diretrizes e Bases, “compete à escola tomar como ponto de partida os conhecimentos lingüísticos dos alunos, promover situações que os incentivem a falar, ainda que do seu jeito, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que eles empregam em suas relações sociais.” (SEED/PR, 2006, p. 24)

É importante que o professor reconheça os fenômenos lingüísticos que ocorrem no ambiente escolar para poder construir uma educação que leve em conta os conhecimentos prévios que cada aprendiz traz consigo. Soares (1986) afirma que a escola fracassa no papel de ensinar a linguagem “legítima” (aquela das classes dominantes, a variedade padrão), pois alunos pertencentes às camadas populares conhecem outra linguagem, “não-legítima” (não valorizada socialmente); por isso eles não dominam a linguagem da escola, nem para compreender, nem para se expressar.

Ainda nas palavras de Soares (1986):

...a escola leva os alunos pertencentes às camadas populares a *reconhecer* que existe uma maneira de falar e escrever considerada “legítima”, diferente daquela que dominam, mas não os levam a *conhecer* essa maneira de falar e escrever, isto é, a saber produzi-la e consumi-la.

(...) Assim agindo, ela está, na verdade, cumprindo a sua função de manter e perpetuar a estrutura social, a discriminação entre as classes, as desigualdades e a marginalização. (SOARES, 1986, p.63)

O professor exerce a dominação lingüística, apoiando-se em critérios de autoridade dos escritores, dos gramáticos, entre outros. Dessa maneira nega todas as outras formas de falar não-prestigiadas socialmente. Na verdade, não é a fala dessas pessoas que está em discussão, mas o grupo social a que pertencem os falantes que sofrem de discriminação quanto a sua linguagem.

Quem não domina a variante padrão é marginalizado, ridicularizado, com a idéia de que quem fala “errado” está vinculado a grupos de desprestígio social e quem fala “correto” pertence a uma elite que detém o poder econômico e político. Assim, “nas relações entre língua e poder o que realmente pesa é o prestígio ou a falta de prestígio social do falante, e esse critério muitas vezes prepondera sobre os elementos estritamente lingüísticos presentes em seu modo de falar.” (BAGNO, 2006, p.70)

O principal objetivo da escola é ensinar a norma padrão, pois é o único lugar que possibilita à grande maioria dos alunos a apropriação desse conhecimento. No entanto, deve também promover o diálogo entre os diferentes falares, fazendo do ensino de português uma forma do aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um lingüisticamente e de que forma podemos usar essa ou aquela variedade do português.

Assim nos dizem as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica (2006):

O professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade que, gradativamente, permita ao aluno conhecer, usar também a variedade lingüística padrão e entender a necessidade desse uso em determinados contextos sociais. (SEED/PR, 2006, p.25)

A proposta de intervenção na Escola ocorreu no 1º Semestre do ano de 2008 no Colégio Estadual Manoel Antonio Gomes – Ensino Fundamental, Médio e Normal, do município de Reserva, com as turmas do Ensino Fundamental e Médio dos períodos matutino e vespertino e 1ª Série do Magistério.

Após o trabalho e reflexão sobre os conteúdos de Comunicação, como Língua, Linguagem Formal e Informal, Variedade Regional, Variedade Estilística, Variedade Padrão, Variedade Popular, Gírias, os alunos entraram em contato com as variedades lingüísticas através de diferentes gêneros de textos, músicas e filmes que exploraram a fala em diversas regiões e/ou situações. Também tiveram a oportunidade de produzir seus textos utilizando essas variantes comunicativas.

Propôs-se, dessa forma, o diálogo entre os diferentes falares, como forma de despertar nos alunos a consciência da diversidade sociolingüística, fazendo-os perceber que é o contexto que torna o uso da língua adequado ou inadequado em determinadas situações.

Num segundo momento foi realizada uma pesquisa de expressões típicas utilizadas pelos falantes do município de Reserva. Após a explicação dos objetivos e importância do trabalho, foi pedido para que as pessoas indicassem as palavras e expressões próprias dos falantes da região, com seus prováveis significados. A pesquisa envolveu toda a comunidade escolar que fez a coleta de dados através de observações, conversas e visitas a vários setores da comunidade onde existe um grande número de pessoas e, conseqüentemente, uma grande variação de linguagem. O objetivo foi colher o maior número possível dessas expressões populares de forma a enfatizar sua importância dentro da comunidade como instrumento importante na transmissão da cultura da região e valorizar a espontaneidade da língua como forma de expressão natural e eficiente.

Feito o levantamento, teve início a elaboração de um glossário contendo todas as expressões com seus significados trazidos pelos alunos. Os termos foram selecionados e organizados em ordem alfabética no glossário intitulado "Gírias e Expressões usadas no Município de Reserva".

No processo de formação das gírias e expressões vale ressaltar que várias delas fazem parte do cotidiano de outras comunidades lingüísticas, já que todos sofremos influências dos meios de comunicação, tais como televisão, cinema, internet, rádio, mas muitas foram criadas no próprio município. Algumas são usadas apenas por determinados grupos, outras, além de se difundirem muito rapidamente, conseguiram se introduzir na linguagem corrente e nela permanecem, enriquecendo o léxico comum.

Uma das características das expressões populares é seu efeito expressivo, que busca estabelecer um vínculo entre o nome e o que é nomeado, pondo em

relevo uma relação afetiva entre ambos, nem sempre presente nos vocábulos da língua comum, como por exemplo: *farejando* (paquerando), *colírio* (pessoa bonita), *filé* (bonito), *caçadora* (mulher provocante), *ligeiro* (esperto), *peixão* (mulher bonita), *potência* (mulher bonita), *potranca* (mulher bonita, atraente), *tigrão* (rapaz bonito),

Outro aspecto é o de purgação da gíria, que conduz a um mecanismo compensatório do pequeno grupo em relação à grande comunidade, como nos diz Preti (1984): “Falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional; opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade.” (PRETI, 1984, p.4). Alguns exemplos com aspecto agressivo: *anta de patinete* (bobo, atrapalhado), *bocó* (bobo, idiota), *burdoguinho* (mulher feia), *cabeça de bagre* (bobo, atrapalhado), *canhão* (mulher feia), *carne de pescoço* (homem feio), *derdi* (bobo, idiota), *dilúvio* (pessoa feia), *goiaba* (aquilo que não presta mais), *herege* (feio, ridículo), *íngua* (ruim no que faz), *jacu* (bobo, inocente, caipira), *juda* (não sabe se vestir), *mala sem alça* (inconveniente), *lambisgóia* (idiota), *manequim de cemitério* (pessoa de péssima aparência), *morcego* (enganador), *nasceu pelo avesso* (muito feio), *nhengo* (bobão), *nuve* (bobo, atrapalhado), *oreia seca* (bobo, atrapalhado), *pintchumbado* (maluco), *porva* (menino malandro), *quengo* (bobo), *tribufu* (feia, sem graça), *uricona* (boba, atrapalhada).

Esse aspecto agressivo da gíria e também da linguagem obscena pode, no entanto, perder-se pelo emprego abusivo. Nesse sentido, certas palavras usadas em registro coloquial acabam em determinadas situações por ganhar coloração afetiva e carinhosa.

Um outro processo na formação das gírias é a alteração de significados de palavras já existentes, sem haver nenhuma relação de sentido entre elas, aparentemente: *acelerar* (sair), *água sonsa* (bobo, atrapalhado), *alisô o bigode* (quer ser o que não é ou enganou alguém), *alugado* (quer ser o que não é), *amarrou o burro* (ficou bravo, quieto), *apitou na curva* (morreu), *assô o zóio* (deu tudo errado), *bacon* (mulher bonita), *balão furado* (mentira), *bateu as botas* (morreu), *burro amarrado* (está namorando), *cabeça de martelo* (bobo, atrapalhado), *cabrita* (motocicleta), *empacotou* (bateu em alguém), *encheu a bombacha* (ficou com medo), *espeto* (quem fica com a namorada do amigo), *fechô o repoio* (houve briga), *ferida* (ruim no que faz), *florzinha* (pessoa que gosta de aparecer), *foi pra lua* (levou um sermão), *foi pro vinagre* (deu tudo errado), *fubá* (menino travesso, malandro), *juda* (não sabe se vestir), *lavou o baio* (ficou rico), *leitoa branca* (pessoa que pensa

que é melhor que os outros), *liso* (esperto ou sem dinheiro), *mala sem alça* (inconveniente), *mão de vaca* (não gosta de gastar dinheiro), *morcego* (enganador), *navalha* (não sabe dirigir), *nó cego* (bobó, atrapalhado), *nuve* (bobó, atrapalhado), *ô macio* (foi mal-educado), *olho gordo* (invejoso), *pãozinho* (pessoa bonita), *papo* (mentira), *par de aspas* (homem traído), *passando um fax* (está no banheiro), *pé de anjo* (pé grande), *pegou o bonde* (começo de namoro), *peludo* (tem sorte com as mulheres), *pentiô o cabelo* (saiu correndo), *pessegão* (homem bonito), *pinga-pinga* (homem ou mulher que namora muitos), *por cima da carne fresca* (tranqüilo), *puleiro de pato* (pessoa traiçoeira), *quebrado* (sem dinheiro), *quebrô a motoquinha* (deu tudo errado), *queimando campo* (mentindo), *rei da cocada preta* (pessoa que quer mandar em tudo), *repolhuda* (mulher bonita), *saiu com cada batata* (falou asneiras), *saiu vazado* (fugiu), *sapatinho de algodão* (parece ser o que não é), *secou as quireras* (morreu), *secou o sabugo* (morreu), *só lavá* (falou bobagem), *tá azur* (embriagado), *tá co pêlo* (está bem), *tô frito* (sem saída), *tomou chá de meia* (ficou triste), *vai dar bolor* (briga), *vassoura* (namorador), *verdeada* (fez o que não devia), *vi um poeirão* (desconfiei de algo), *viu a viola em caco* (quase morreu), *zóio gordo* (invejoso).

Em outros casos, vocábulos novos são criados a partir de palavras já existentes, apoiando-se no seu significado. É o que se verifica nas expressões:

- *cortex* (quem interrompe o outro) que se originou de **corte** (interrupção);
- *deferentão* (esquisito, desajeitado) que se originou da palavra **diferente** (que não é igual, que difere);
- *maluda* (passeadeira), do vocábulo **mala** (espécie de caixa para transporte de roupas em viagem);
- *não fumega* (não funciona) vem da palavra **fumegar** (exalar fumaça);
- *piazón* (meninão) do vocábulo **piá** (menino);
- *porva, porvinha* (menino malandro, “incomodativo”) que se originou da palavra **pólvora** (substância explosiva usada para carregar armas de fogo);
- *se metidando* (exibindo-se) que se originou da expressão “**metido**” (intrometido, indiscreto);
- *seqüela* (muito magra) do vocábulo **seca** (magra);
- *sorterícia* (período em que se está solteiro), originária do vocábulo **solteiro** (homem que ainda não casou).

Às vezes, as expressões limitam-se apenas à mera alteração de significados por processos metafóricos, como nos exemplos:

- *ardido* (aquele que está de mau humor), por associação com aquilo que queima, arde);
- *bacon* (mulher bonita), por associação ao alimento gostoso;
- *boca de urtiga* (bobo, irritante), por associação com a planta cujas folhas, em contato com a pele, produzem ardor irritante;
- *cabeça seca* (bobo, atrapalhado), a palavra **seca** usada no sentido de vazia, árida, estéril, como se não existisse nada na cabeça;
- *cabo de vassoura* (pessoa muito magra), em comparação com a aparência fina e comprida de um cabo de vassoura:
- *cintura de ovo* (gordinho), comparando com o formato arredondado do ovo;
- *encoleirado* (está namorando), associando a um animal preso por uma coleira, como se estivesse preso, no caso, à namorada;
- *esperando fãmia* (gravidez), por estar a mãe à espera de mais um membro para sua família;
- *farejando* (paquerando), existindo uma conotação animalesca, pois o homem farejando é aquele que está buscando sua parceira;
- *ficou só com a capa da gaita* (perdeu tudo), só restou a capa, o elemento menos importante. A gaita já se foi, isto é, perdeu tudo;
- *ficou só com o pó do bagaço* (perdeu tudo), a palavra **pó** é usada no sentido de que nada mais resta, pois pó são partículas insignificantes;
- *filé* (pessoa bonita), por associação ao alimento gostoso;
- *foi de voá a paia do borso* (foi assustador), expressão usada com tom exagerado, pois se até a palha (elemento usado na confecção de cigarros) voou do bolso, é sinal que algo muito assustador ocorreu;
- *gata* (menina bonita), por associação à beleza do felino, um animal exótico, sensual;
- *herege* (feio, ridículo), termo usado por associação com a pessoa que professa heresia, vai contra a doutrina, portanto é feia, ridícula;
- *ligeiro* (esperto), associando com a rapidez de pensamento, agilidade;
- *mais perdido que cebola em salada de frutas* (desorientado), expressão usada para uma pessoa que está perdida, sem rumo, e a comparação é feita com uma cebola que jamais combinaria numa salada de frutas;

- *monarca* (pessoa ultrapassada), surgiu por haver uma marca de bicicleta “monark”, considerada fora de moda, ultrapassada;
- *nó cego* (bobo, atrapalhado), sendo que um nó cego é aquele difícil de ser desfeito, portanto, por analogia, a pessoa “nó cega” é aquela difícil de se entender, atrapalhada;
- *no tempo em que o globo da morte era a cavalo* (muito antigo), já que as apresentações no globo da morte seriam feitas com cavalos, deduz-se que não existiam motocicletas, portanto uma situação do passado;
- *nuve* (bobo, atrapalhado), por associação com a palavra **nuvem**, que conota a idéia de algo turvo, opaco, embaçando o ambiente, atrapalhando, portanto;
- *ofendido por cobra, aranha...* (mordido por cobra, aranha...), a palavra **ofender** é usada no sentido de fazer mal, isto é, a cobra ou outro bicho qualquer faz o mal;
- *outdoor* (testa grande), comparando a testa de uma pessoa com o painel publicitário disposto em locais de grande visibilidade;
- *perna de pau* (não sabe jogar), como se a perna não fizesse movimentos normais, fosse dura, como pau.
- *pintor de rodapé* (baixinho), por ficar o rodapé próximo ao chão, ficaria mais fácil uma pessoa bem baixa para pintá-lo;
- *sartei do avião* (saí estrategicamente), expressão usada para indicar uma saída estratégica do local, inesperada e rápida, como num salto de avião;
- *secou o sabugo* (morreu), acabou tudo, pois até o sabugo já secou;
- *serrote* (aquele que rouba ou interrompe uma conversa), por associação ao objeto que serra, corta, separa, assim como roubar é tirar, saquear e interromper alguém é “cortar” uma conversa;
- *só lavá e mandá pro Vau* (falou bobagem), a expressão surgiu por não haver mais vagas no cemitério local e muitas pessoas são sepultadas no Vau, uma localidade próxima;
- *taquara* (muito alto e magro), por associação à planta que atinge muitos metros de altura;
- *tigre* (esperto), em comparação ao animal muito esperto que, apesar de seu grande tamanho, se aproxima de suas presas em completo silêncio;
- *torresmo* (mulher gordinha), por associação ao alimento que contém muita gordura;
- *vazando pelas orelhas* (embriagado), a pessoa bebeu tanto como se estivesse vazando até pelas orelhas;

- *vi um poeirão* (desconfiei de algo), associação com a palavra **poeira**, substância que se eleva na atmosfera turvando o ambiente, embaçando-o. Quem desconfia, não sabe bem ao certo o que se passa, portanto, vê as coisas de uma forma embaçada, turva;
- *virado num ninja* (bravo, valente), como os guerreiros japoneses muito valentes;
- *virou num cisco* (sumiu), já que **cisco** é sujeira quase imperceptível, portanto, existe a analogia entre sumir e virar um cisco.

Cumprе ressaltar que em muitos termos observou-se também um processo de alteração fônica de algumas palavras, como por exemplo: *ar de graia* (expressão de pessoa tola, boba), *assô o zóio* (deu tudo errado), *baixô a gerarda* (riu por qualquer motivo, falou besteira), *bandido véio* (esperto), *boca de armoço* (bobo, atrapalhado), *cuié na marmita alheia* (mexendo com a namorada do outro), *deferentão* (esquisito, desajeitado), *defruço* (gripe), *deu umas bizu* (deu uma olhada), *é pacabá* (era só o que faltava acontecer), *esperando famia* (gravidez), *fartô tutano* (sem dinheiro), *fechô o repoio* (houve briga), *ficou só com o soaio da gaiota* (perdeu tudo), *foi de caí os butiá do borso* (falou bobagem), *foi de voá as paia do borso* (foi assustador), *foi pro moio* (deu tudo errado ou morreu), *fumo pra tarde* (aprontaram na escola), *minhasarma!* (espanto), *mó di quê?* (por quê?), *muímo* (vencemos), *não corrige senão pioreia* (nem tente melhorar a situação), *não se envorva* (não interfira), *nem que vorte o cheque* (vamos aproveitar o momento), *oreia de batê bolo* (orelha grande), *pavorô* (teve coragem), *pegadô* (namorador), *pentiô o cabelo* (saiu correndo), *pestiô o tatu* (deu tudo errado), *sartei da charrete* (saí estrategicamente), *se vazô* (falou besteira), *só sargá e mandá pro Vau* (não tem solução ou falou bobagem), *sou simprão* (sou humilde, simples), *vamo pra peleia* (vamos trabalhar), *vô me amoitá* (vou ficar quieto), *zóio de beronha* (olhos grandes).

A criação dessa linguagem especial pode não apenas atender ao desejo de originalidade mas também servir a outras finalidades como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por elementos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade. Segundo Preti (1984), “A partir do momento em que essa linguagem serve ao grupo como elemento de auto-afirmação, de verdadeira realização pessoal, de marca original, ela se transforma em signo de grupo.” (PRETI, 1984, p. 2)

Seria inútil pretender impedir esse complexo mecanismo da linguagem dos grupos sociais e também qualquer tentativa de nivelamento da língua pela norma

padrão. O que se pode pensar, sim, é que a educação deve levar os falantes das várias classes à consciência da existência de vários níveis de linguagem, adequados às mais diversas situações. Em outras palavras, aceitaríamos a gíria, mas apenas em determinados contextos da linguagem popular e ela poderia até tornar-se o vocabulário ideal para expressão de certos estados afetivos.

Enfim, por se tratar de uma linguagem descontraída da oralidade, o glossário serve para valorizar a espontaneidade da língua como forma de expressão natural e eficiente no processo comunicativo. As expressões ali apresentadas reconhecem a utilidade desses termos e enfatizam a importância da linguagem popular como instrumento de comunicação e transmissão da cultura local.

Conforme as Leis de Diretrizes e Bases (2006), “compete à escola tomar como ponto de partida os conhecimentos lingüísticos dos alunos, promover situações que os incentivem a falar, ainda que do seu jeito, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que eles empregam em suas relações sociais.” (SEED/PR, 2006, p.24)

Durante a Primeira Mostra Cultural do Colégio houve uma solenidade de entrega do glossário para todas as escolas estaduais do município, para a Secretaria Municipal de Educação, Biblioteca Municipal e Núcleo Regional de Educação. Participaram desse evento a diretora e o diretor auxiliar do Colégio Estadual Manoel Antonio Gomes, diretores das escolas estaduais do município, Secretária Municipal de Educação, Presidente da APMF do Colégio, Documentadora Escolar, representantes do corpo docente e discente, representantes do Grêmio Estudantil e minha família. O trabalho foi divulgado em todas as turmas da escola e está à disposição de toda a comunidade escolar na Biblioteca do Colégio como fonte de consulta e valorização da cultura local.

Considerações Finais

Existem vários falares brasileiros. A maior dificuldade é reconhecer que o português falado no Brasil é caracterizado por imensa diversidade e avaliar essa diversidade como um aspecto positivo da linguagem. Cabe ao professor reconhecer os fenômenos lingüísticos que ocorrem no ambiente escolar, identificar o perfil

sociolingüístico de seus alunos para, junto com eles, construir uma educação que leve em conta os conhecimentos prévios de cada um.

Segundo Bagno (2006), “uma das tarefas do ensino de língua seria, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante lingüística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção lingüística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa.” (BAGNO, 2006, p.150)

Somente desempenhando um papel crítico em sala de aula é que todos os professores podem resolver ou pelo menos diminuir os problemas de convívio com a diversidade cultural. Não se deve nunca esquecer de que todos somos diferentes e que conviver com as diferenças requer uma postura firme contra o preconceito e a desigualdade social. Se existir na escola a valorização apenas da chamada norma padrão da linguagem, em detrimento das outras formas de falar e escrever, certamente haverá um prejuízo na aprendizagem reforçado pela distância e a hierarquia entre educadores e alunos. As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica (2006) nos deixa bem clara essa questão:

Engajado com as questões de seu tempo, tal professor respeitará as diferenças e promoverá uma ação pedagógica de qualidade a todos os alunos, tanto para derrubar mitos que sustentam o pensamento único, padrões preestabelecidos e conceitos tradicionalmente aceitos, como para construir relações sociais mais generosas e incluídas. (SEED/PR, 2006, p.43)

Todas as atividades desenvolvidas ao longo do PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional e aqui descritas procuraram discutir, entender e respeitar diferenças, valorizando a espontaneidade da língua como forma de expressão natural e eficiente no processo comunicativo. A educação em língua materna deve ter o compromisso com a formação plena do cidadão, contra toda forma de exclusão social pela linguagem e também deve possibilitar aos alunos das classes sociais desfavorecidas o acesso à cultura letrada para que tenham a chance de fazer suas próprias escolhas nas situações de uso da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 5.ed. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Nada na língua é por acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna. **Presença Pedagógica**. São Paulo, 2006. Disponível na internet: http://www.marcosbagn.com.br/art_nada-na-língua-e-poracaso.htm (consulta em 04 de maio de 2007)

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

DIRETRIZES CURRICULARES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA. SEED/PR, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

HECKLER, Evaldo. **Língua e Fala**. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 1986.

ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. **Novos Estudos**. São Paulo, nov.1983. Disponível na internet: http://www.cebrap.org.b/imagens/arquivos/gramatica_e_politica.pdf. (consulta em 06 de maio de 2007)

PRETI, Dino. **A Gíria e Outros Temas**. São Paulo: Edusp, 1984.

SCHUBSKY, Cássio. Essa gíria é da hora! **Superinteressante**. São Paulo, março, 1996. p.36-40.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola – Uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.